

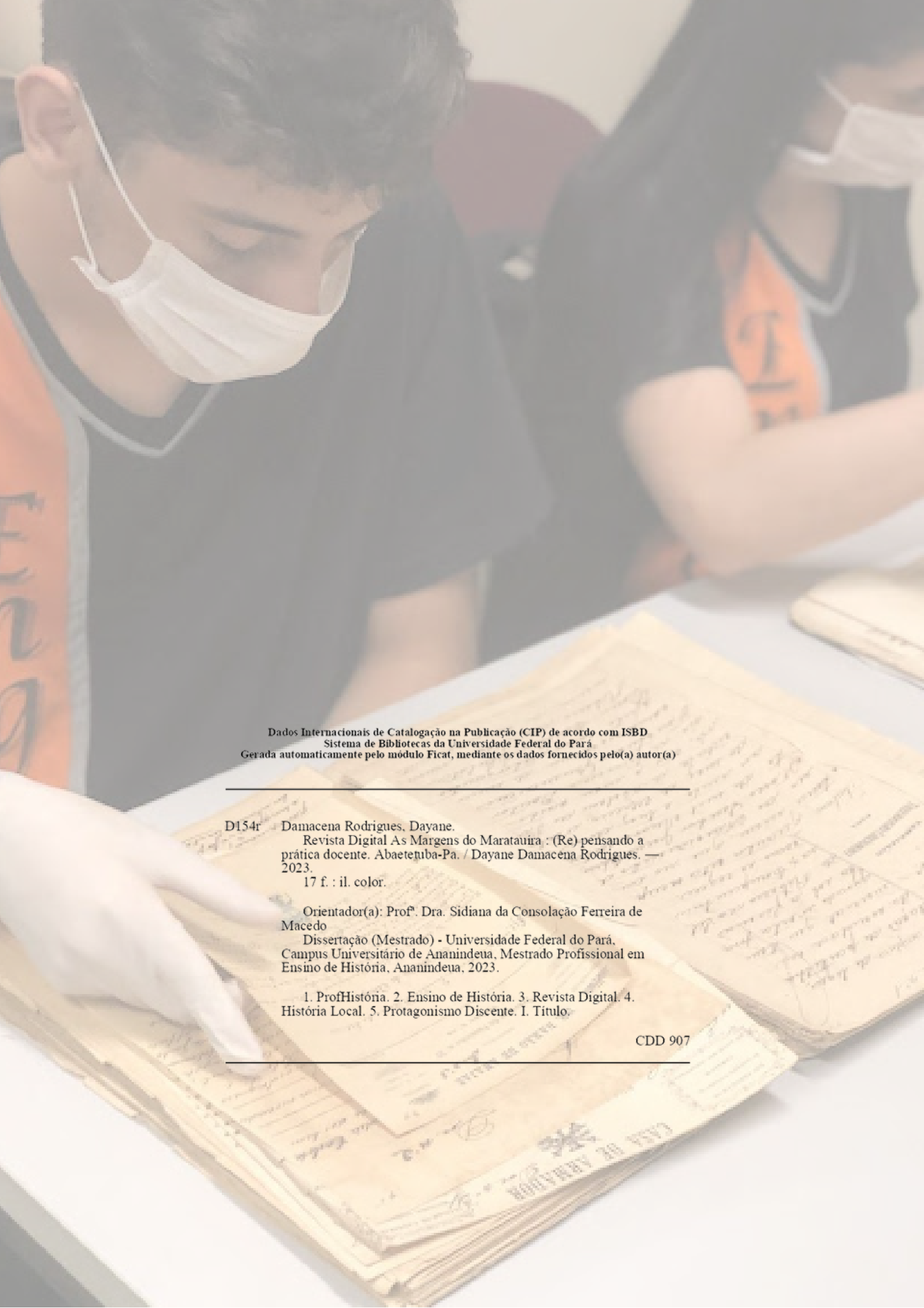
HISTÓRIA LOCAL

PROJETO As margens do

MARATAUÍRA

(Re)Pensando a prática docente
ABAETETUBA-PA





Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

D154r Damacena Rodrigues, Dayane.
Revista Digital As Margens do Maratauíra : (Re) pensando a
prática docente. Abaetetuba-Pa. / Dayane Damacena Rodrigues. —
2023.
17 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Sidiana da Consolação Ferreira de
Macedo

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Campus Universitário de Ananindeua, Mestrado Profissional em
Ensino de História, Ananindeua, 2023.

1. ProfHistória. 2. Ensino de História. 3. Revista Digital. 4.
História Local. 5. Protagonismo Discente. I. Título.

CDD 907

APRESENTAÇÃO

Esta revista digital é parte integrante do trabalho de pesquisa inserido na dissertação de mestrado de Dayane Damacena Rodrigues, *“AS MARGENS DO MARATAUÍRA”*. (RE) *PENSANDO A PRÁTICA DOCENTE A PARTIR DA VIVÊNCIA DOS ALUNOS E PROFESSORES DO COLÉGIO ENGELS EM ABAETETUBA – PA*, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino Profissional de História, da Universidade Federal do Pará, Campus de Ananindeua, Mestrado Profissional em Ensino de História- Profhistória.

O objetivo é mostrar todo o trabalho desenvolvido com alunos e professores do ensino fundamental e médio que formaram o projeto escolar *“As margens do Maratauíra: formação e desenvolvimento do município de Abaetetuba”*, com intuito de trabalhar a História Local dentro e fora das paredes da escola.

O PROJETO

O Projeto Escolar *“As margens do Maratauíra: formação e desenvolvimento do município de Abaetetuba”* atuou no colégio Engels de 2019 a 2022, foi criado e elaborado pelos professores de história da instituição. Este teve como ênfase o resgate e valorização histórica da cidade de Abaetetuba incentivando o hábito da leitura e da escrita, promovendo o senso de responsabilidade e de cidadania através do estudo da história local, conhecendo seu processo de fundação, construção e desenvolvimento. Um projeto cujo objetivo é dar ênfase no protagonismo discente.

A PRÁTICA DOCENTE

Fazer uma reflexão sobre a prática docente é algo que precisa constantemente ser feito pelos professores, essa reflexão pode nos levar a entender a importância de fazer com que o ensino nas escolas seja, não um mero instrumento de “repassar conteúdo”, mas sim um ambiente propício para formar cidadãos participativos, críticos e reflexivos sobre o seu papel na sociedade. Essa experiência docente é fundamental para enxergarmos o quão plural é a realidade dos nossos alunos e compreender que para fazê-los partícipes da história, de ser enxergar nas aulas é preciso também entender essa pluralidade.

Trabalhos como este nos convida a ponderar a nossa própria vida professoral, os próprios desígnios que levaram até este trabalho reflexivo, sobre as experiências docentes em uma escola na cidade de Abaetetuba no Pará, partiu de uma reflexão pessoal de vida na qual pude presenciar por várias vezes o desinteresse dos alunos e alunas para com a disciplina, pude perceber principalmente que estes não a enxergavam como algo para além da sala de aula.

O ensino de história precisa ser (re)pensado constantemente pelos docentes, pois seguindo as ideias de Rusen (2007), este ensino precisa fazer sentido para os discentes que estão em formação, ensino este que implica observar as singularidades de cada escola, de cada cidade, de cada aluno e cada professor. É preciso levar em consideração a cultura histórica que eles trazem de suas experiências pessoais, da sua vivência e inseri-las nesse processo de ensino aprendizagem. É preciso uma formação para a prática, para a vida.

SUMÁRIO

1- História Local: Conhecendo Abaetetuba.....	4
2- Bate-Papo com professores: História Local.....	8
2.1- Posso aproximar a sala de aula dos estudos acadêmicos?.....	9
2.2- Como falar de História Local?.....	10
3- História Local na Prática.....	11
3.1- Visitação ao centro Histórico de Belém.....	11
3.2- O Projeto Escolar "As margens do Maratauíra: formação e desenvolvimento do município de Abaetetuba".....	12
3.2.1- Confrontando as fontes.....	13
3.2.2- Ampliando Saberes: Rodas de Conversa.....	14
3.2.3Ampliando Saberes: Gravação em vídeo.....	15
3.2.4- Frutos do Projeto: Exposição.....	16
4- Referências Bibliográficas.....	17

HISTÓRIA LOCAL

Conhecendo Abaetetuba-Pa

O município de Abaetetuba, palavra de origem tupi que significa “Terra de homens fortes e valentes”, está localizada no baixo Tocantins, com uma população atual de cerca de 160 mil habitantes, possui uma expressiva população ribeirinha/quilombola, com cerca de 72 ilhas e diversas comunidades remanescentes quilombolas. Abaetetuba está localizada às margens do Rio Marataúira (ou Meruú), que é um afluente do rio Tocantins, no nordeste Paraense, microrregião de Cametá.



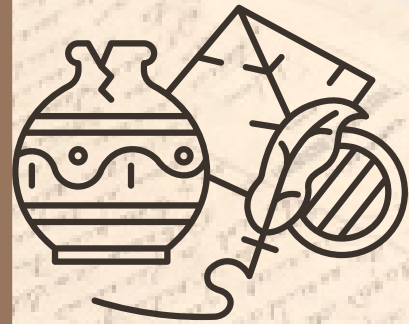
[Http://www.encontrabaetetuba.com.br](http://www.encontrabaetetuba.com.br)



Fonte: ITERPA / 2020

HISTÓRIA

Durante os séculos XX e XXI alguns autores escreveram sobre a cidade de Abaetetuba, ou Abaeté como é chamada pelos habitantes. Em sua monografia “Sítios e Engenhos em Abaeté: Um estudo de Cultura Material (1840-1870)”, a professora Sidiana da Consolação Ferreira de Macêdo faz uma viagem historiográfica analisando obras que tratam da história do município e enfatiza o trabalho de autores como, Luís Reis, Jorge Machado e Nazaré Lobato. Segundo Macedo, estes em suas obras, constroem uma história cívica, tradicional, heroica, conceitual e até um guia histórico sobre a cidade. Uma análise um tanto superficial, mas de suma importância para aprender e entender sobre a história local na visão de autores regionais.



VILA DE BEJA

A atual Vila de Beja, distrito da cidade, foi o berço da colonização do território que hoje corresponde a cidade de Abaetetuba. No início do processo de ocupação da região, a vila recebeu o nome de “Aldeamento Samaúma”, pois era o local onde religiosos jesuítas e capuchinhos catequisavam os indígenas agrupados através dos descimentos promovidos pelas ordens religiosas. A denominação de Samaúma se deu por conta da grande quantidade de árvores Samaumeiras ali nativas, e que já são pouco encontradas.



IMPORTÂNCIA HISTÓRICA DA LOCALIZAÇÃO DA CIDADE

Abaetetuba era considerada uma região muito privilegiada pois, diferentemente de outros locais, recebia constantemente a visita do clero (bispos, padres, entre outros.) que na época tinham uma certa limitação ao visitar localidades no interior da Amazônia, principalmente pela distância e dificuldade de acesso. Porém, Abaetetuba ficava na rota de muitos viajantes que nela paravam para abastecer as embarcações e descansar, para seguir viagem, no século XIX o porto de Abaeté chegava a receber até 10 vapores mensais.



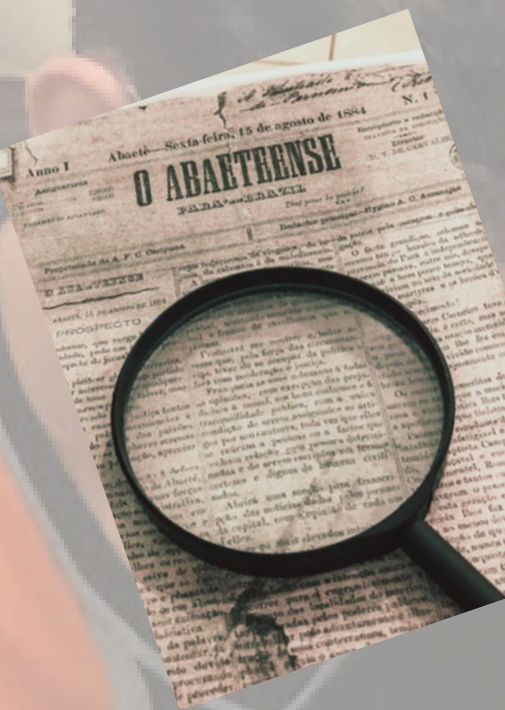
AS PRIMEIRAS CONSTRUÇÕES

Uma das primeiras construções feitas no município de Abaetetuba foi a antiga capela da Nossa Senhora, da Conceição, a qual não resistiu ao tempo nem a umidade ficando em ruínas. Em virtude disso, as missas passaram a ser realizadas na “Igreja do Divino” em frente à Praça da República ou, como também é conhecida, Praça do Divino. De acordo com jornais da época, a população com o tempo, começou a chamá-la também de praça da Conceição, que hoje – na realidade – corresponde a praça que conhecemos como “Praça da Bandeira”, a qual ficou assim denominada por conta do monumento construído para o hasteamento das bandeiras do país, do estado e do município. Nazaré Lobato sobre esta igreja relata:



“A antiga Capela de N.S. da Conceição se localizava na Travessa da Conceição, hoje Avenida Pedro Rodrigues, quase na esquina da Rua Siqueira Mendes, mais ou menos onde hoje é a propriedade do Sr. Duca Ferreira, tendo em volta o primeiro cemitério, onde rezadas as ladainhas do Novenário da Virgem”.
(LOBATO,1993, p.20. Apud MACÊDO, 2006).





O jornal "O Abaeteense", na edição de agosto de 1884, registra que a Vila de Abaeté teve sua criação no ano de 1758, mas somente em 1869 esta teria apresentado algum desenvolvimento. Era constituída por uma rua principal, duas travessas e um largo. Cerca de 15 anos depois, agora mais desenvolvida, a pequena vila apresentara ruas como a rua Siqueira Mendes, considerada a mais bela rua, com a arquitetura mais desenvolvida, havendo nela alguns prédios. Contava-se também com as travessas "Tenente-Coronel Costa", a "Travessa da Conceição" e mais outras três, com menos habitantes e mais afastadas do centro, além de uma praça conhecida como "Largo do Espírito Santo".

Dentre as igrejas que compõem o patrimônio histórico da cidade estão a Igreja de São Miguel Arcanjo, na Vila de Beja e a Catedral de Nossa Senhora da Conceição, sede da Diocese de Abaetetuba.

Há algumas décadas a cidade era conhecida como a "Terra da Cachaça", devido a próspera indústria de aguardente de cana localizado na época em Abaetetuba. Os Engenhos, no início do Século XX eram muitos e estavam espalhados por todo território geográfico do município. Segundo pesquisadores a cachaça nos séculos XIX e XX era vendida em garrações de até 48 litros e a cana de açúcar era transportada em embarcações destinadas para este fim.

Os engenhos foram construídos em regiões de várzea, próximas a rios e igarapés, por conta disto era extremamente necessário a utilização de embarcações para o transporte da cana de açúcar. A consequente queda desta produção estaria ligada a própria localização geográfica dos engenhos, o difícil acesso e falta de modernização na produção e dos transportes.



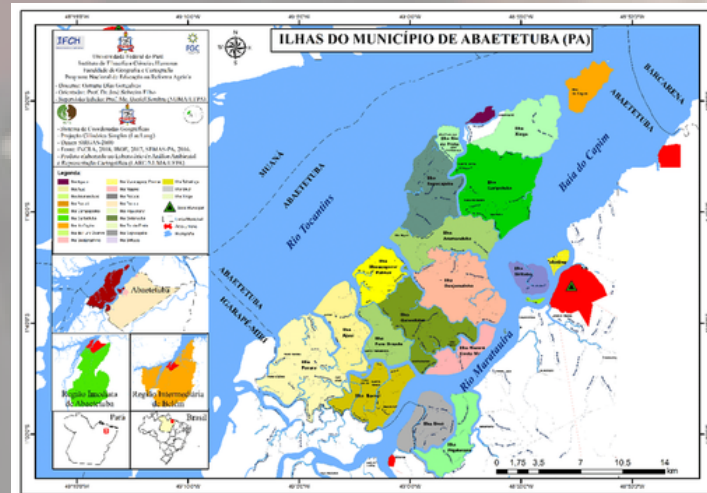
O Abaeteense, edição 01 única.
15/08/1884.Biblioteca Nacional, RJ.



Quilombos

No decorrer da história dos séculos XIX e XX, os quilombos foram espaços de resistência das populações negras, mestiças e classe baixa, onde podiam viver com maior liberdade cultural, pessoal e religiosa. Com o passar do tempo, as antigas áreas de quilombo foram classificadas pelo Estado como Comunidades Remanescentes de Quilombo, nas quais muito vivem em função do extrativismo, da agricultura familiar e/ou pesca. Nelas as heranças dos africanos e afrodescendentes são muito presentes na culinária, na religiosidade e nas práticas de capoeira.

Próximas da sede do município de Abaetetuba, é possível identificarmos comunidades quilombolas como do Baixo Itacuruçá, Alto Itacuruçá, Campopema, Jenipaúba, Acaraqui, Igarapé São João, Arapapu e Rio Tauaré-Açu. Essas e outras comunidades remanescentes de quilombo são de suma importância para a formação do povo e da cultura não só de Abaetetuba, mas também do povo brasileiro, pois são formas de resistências centenárias das populações descendentes de africanos contra a herança negativa da escravidão.



"Marés das rebeldias em Abaetetuba": dos rios da existência à resistência dos territórios na Amazônia paraense, baixo Tocantins - Scientific Figure on ResearchGate. Available from: https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Mapa-de-localizacao-das-ilhas-do-municipio-de-Abaetetuba-PA-com-os_fig1_334160803 [accessed 4 Mar, 2023]

Economia

No século XVIII o açúcar foi o principal produto do setor econômico da cidade. Luís Reis, afirma em seu livro "Abaetetuba" de 1969, a existência de lavouras na região bem como a produção de cachaça, produto este que ficou bastante conhecido e muito consumido na região e arredores. No século XX a economia da região era atrelada à mandioca, ao cacau, pescado e açúcar.

Atualmente a economia é baseada, principalmente, nas atividades da pesca, do extrativismo, sobretudo do açaí, e na agricultura. Mas podemos encontrar outros ramos sobrevivendo no município, como o setor industrial que, tem pequena participação na economia abaetetubense, são empresas médio e pequeno portes que se compõe sobretudo dos ramos alimentício e de beneficiamento de produtos agroflorestais. Existe na cidade também metalúrgicas e estaleiros. No setor agroflorestal, o município destaca-se como o 2º maior produtor de açaí do Pará, como o 3º maior produtor de bacuri e cupuaçu, e como o maior produtor de manga do estado. Outras culturas também marcam fortemente a agricultura abaetetubense, como mandioca, coco, miriti e bacaba. Na pecuária, o município conta com bovinos, suínos e caprinos, além de possuir um abatedouro público, que faz parte da história deste município.

Bate-Papo com professores

HISTÓRIA LOCAL

Reflexões sobre a prática docente

Qual a importância?

O que é?

Como trabalhar em sala de aula?

Como trabalhar fora do espaço escolar?

É necessário entender e problematizar o papel do professor de história dentro e fora da sala de aula, levando em consideração o meio em que alunos e professores estão inseridos. Desta forma é preciso perceber como os alunos se compreendem como sujeitos históricos ativos, pois é preciso:

“

Construir neles o sentimento de pertencimento em relação ao lugar, com suas várias histórias, mas também permitir que se apropriem de conceitos históricos, motivo que faz com que a cidade se transforme em objeto de estudo, em sala de aula. Ao se estudar a cidade, diversos aspectos de sua constituição podem ser abordados em diferentes temporalidades históricas: no plano físico, no plano cultural, político, econômico e social (CANO, 2012 apud TORRES, 2018).

”

Além disso, é possível compreender a nossa função como sujeitos que transformam o espaço e por ele é transformado, refletindo assim, sobre as nossas práticas e ações. (TORRES, 2018). Seguindo as ideias de Flávia Eloisa Caimi (2010), antes acreditava-se que a história do presente não poderia fazer parte do cotidiano escolar, muito menos a história local, desta forma a história ensinada valorizava a História conhecida como Nacional com seus feitos e personagens relevantes, as histórias dos verdadeiros heróis e que o papel do docente seria o de repassar conteúdo, informações que seriam assimiladas e decoradas pelos alunos. Porém, atualmente muitos estudos apontam e defendem uma história que permitiria aos discentes reconhecer as diversas experiências históricas das sociedades a partir de situações do seu cotidiano, ajudando assim na construção de uma consciência histórica. Para Moreira e Candau (2003), é preciso fazer com que o espaço escolar deixe de ser espaço de rotina e repetição, a escola deve ser tratada como espaço de reflexão, de críticas, espaço no qual os alunos se vejam como sujeitos importantes e ativos, cidadãos que podem mudar os rumos da educação, espaço de justiça curricular, que segundo Connell (1993 apud Moreira e Candau 2003) seria uma estratégia pedagógica que produz menos desigualdades nas relações sociais ao qual o sistema educacional está ligado.

Dessa maneira o ensino de História estaria voltado para a vivência dos docentes e discentes, uma educação para além das paredes da escola, uma educação para a vida. Para isto seria necessário inserir na sala de aula aspectos como, filmes, costumes, danças, músicas dentro outros, que façam com que esse alunado se vejam representados e que os mesmos possam criticar e argumentar, fazendo assim da escola um espaço de crítica cultural. (Moreira e Candau, 2003)



Posso aproximar a sala de aula dos estudos acadêmicos?




É preciso também refletir sobre o ensino de história feita na academia e a maneira como os docentes entendem e se utilizam desse ensino, pois é necessário não generalizar a prática de ensino em sala de aula. Esta discorre da práxis científica, porém tem suas especificidades ligadas ao meio social em que estão, da complexidade da escola e de suas experiências pessoais. Cada educador (a) precisa também fazer uma reflexão sobre sua própria identidade cultural, se é capaz de descreve-la, como foi construída, que referentes tem sido privilegiado e por meio de que caminhos (Moreira e Candau, 2003). É necessário que

O diálogo entre a universidade e a escola deve ser estimulado, ao invés de falarmos para, falamos com elas [...] que se teorize tendo por referência a escolarização e suas condições econômicas, políticas e culturais de existência. (Silva, 2009)

Como falar de História Local?

Falar da História Local é de extrema importância, pois “debates atuais do ensino de história apontam possibilidades de estabelecer relações entre o estudo do local/regional e os processos de formação de identidades sociais plurais” (CAIMI, 2010, pg. 60), o que se distancia das aulas focadas apenas na história nacional, fazendo com que a maioria dos estudantes não se identifique e se reconheça como sujeito histórico

O ponto central agora seria dialogar e refletir sobre a definição de História Local/Regional, o que não é tarefa fácil, pois não há uma única linha de pensamento sobre estes. Maria Aparecida Toledo (2010) nos seus estudos afirma que a história local está inserida no contexto de mudanças historiográficas e as diversas temporalidades trazem um interesse pelo cotidiano e que esta se aproxima e dialoga com a antropologia e a geografia. Sendo assim, o local, o regional seria muito mais do que fronteiras políticas e territoriais, como afirma Toledo, citando o geógrafo Milton Santos, que na sua interpretação “cada lugar tem sua especificidade e precisa ser entendido por meio da série de elementos que o compõe e de suas funções” (TOLEDO, 2010, p. 750).



O local é espaço de relações sociais entre os sujeitos e que não é algo novo, essas ideias apareceram nas reformas curriculares de 1930 e em 1971, quando se propôs a história local como recurso didático. Circe Bittencourt, deixa claro que a história local é extremamente importante para o ensino, pois com ela o aluno consegue compreender seu entorno, “identificando o passado sempre presente nos vários espaços de convivência – escola, casa, comunidade, trabalho e lazer- igualmente por situar os problemas significativos da história do presente” (Cavalcanti, 2018, p.277). Porém é importante evitar que aconteçam generalizações, a história local não pode se limitar a reproduzir aspectos políticos e culturais apenas dos personagens “importantes”, figuras políticas e classes dominantes. Para não haver essas generalizações, Samuel Raphael (1990), aponta que é preciso escolher um elemento da vida, limitado ao espaço local, porém que pode ser usado também como “uma janela para o mundo”. Desta forma a história local precisa de subjetivação, esta não é autoexplicativa, não vem pronta.

HISTÓRIA LOCAL

Na prática

O início: Conhecendo a História da região amazônica - Belém-Pa.

No ano de 2017, enfim conseguimos tentar preencher a lacuna que faltava nas aulas de História: Sair da sala de aula e valorizar a cultura local, a cultura paraense. A princípio o projeto de levar os alunos para fora da sala de aula e “ver” a história e sua importância, começou muito tímido. Foi proposto a escola que se realizasse uma “Aula Histórica”, levar os alunos ao centro histórico de Belém e conhecer de perto a história da nossa população nos séculos XVII, XVIII e XIX.

O público alvo, alunos do 3º ano do Ensino Médio, seria uma aula ao mesmo tempo dinâmica, com paradas nos principais marcos históricos da cidade de Belém e voltada para a formação pessoal e profissional desses alunos, haja vista ser este o ano em que os discentes prestam vestibular para adentrar em uma universidade. Fechar esse ciclo com a “Aula histórica”, seria uma maneira de tentar dar sentido a toda uma vida escolar desses jovens no que se refere ao ensino de História e a formação do discente como cidadão consciente e pertencente ao seu lugar.



Alunos do 3º ano do Ensino Médio do ano de 2019 recebendo as primeiras orientações na Praça da República. Belém-Pa. Arquivo Pessoal



Alunos do 3º ano do Ensino Médio do ano de 2019 no Centro de Memória da Amazônia Belém-Pa.

O objetivo desta atividade era não somente realizar um “passeio pela história” do Pará e sua representatividade na capital do Estado, mas proporcionar aos alunos a inserção nos espaços, a observação dos aspectos característicos dos diferentes períodos históricos que Belém protagonizou, desenvolvendo o olhar crítico dos alunos sobre o espaço, o tempo e as ações humanas ao longo dos séculos. Desenvolver a habilidade de contextualização dos alunos, a capacidade de relacionar os aspectos de suas vivências a própria evolução do espaço no qual se inserem.

Em 2019, o projeto foi repensado e amadurecido, conseguimos levar os alunos para uma viagem não só na história do Pará, mas também conseguimos fazer com que estes alunos do 3º ano do Ensino Médio, tivessem um contato mais próximo com a história e suas fontes. Na segunda edição das “Aulas Históricas”, percorremos um trajeto pelo centro histórico de Belém, visitando Igrejas, monumentos e museus. E também ao Centro de Memória da Amazônia, localizado no bairro do reduto em Belém, onde constam belos acervos de fontes históricas da região Amazônica. Lá os alunos puderam aprender um pouco sobre o trabalho dos historiadores bem como sentir de perto a sensação de folhear um documento histórico sobre a História Local.



Alunos do 3º ano do Ensino Médio do ano de 2019 no Centro de Memória da Amazônia Belém-Pa.

O Projeto Escolar "As margens do Maratauíra: formação e desenvolvimento do município de Abaetetuba"

O referido projeto teve como ênfase o resgate e valorização histórica da cidade de Abaetetuba incentivando o hábito da leitura e da escrita, promovendo o senso de responsabilidade e de cidadania através do estudo da história local, conhecendo seu processo de fundação, construção e desenvolvimento, articulando ações voltadas para o ensino histórico e cultural, que visavam reconstituir e valorizar a memória da sociedade abaetetubense.

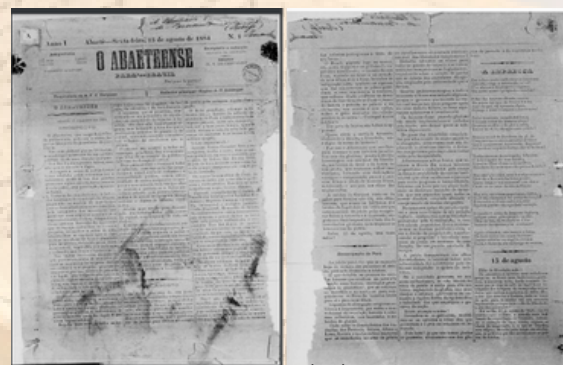
Como começou? Primeiro contato com as fontes.

O projeto se iniciou apresentando aos alunos algumas leituras iniciais: trechos da dissertação de mestrado do professor Luzivan dos Santos "Gênero de vida ribeirinho na Amazônia" e um texto do professor Dr Karl Arenz "Filhas e Filhos do Beiradão" além de dois documentos sobre a cidade de Abaetetuba: a carta de Sesmaria de Francisco de Azevedo Monteiro e a primeira e única edição do jornal O Abaeteense de 1885.

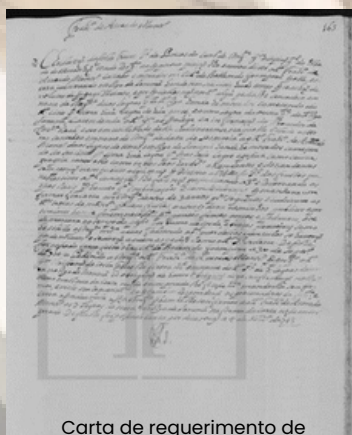
O intuito foi apresentar aos alunos um pouco da história local, da história dos ribeirinhos e de como, através dos documentos, podemos também aprender sobre a nossa história.



As primeiras impressões dos alunos foram muito satisfatórias, adoraram ler os textos bem como discuti-los em grupo, porém o que mais chamou a atenção foram os documentos, o primeiro impacto de sair dos livros didáticos e conhecer a história de uma outra maneira. Houve muito empenho e determinação em tentar transcrever a carta de sesmaria e de analisar o jornal que retratava uma cidade que para eles até então era desconhecida, uma Abaetetuba do século XIX, e claro ficaram maravilhados.



O Abaeteense, edição única. 15/08/1884. Biblioteca Nacional, RJ.



Carta de requerimento de Sesmaria de 1743. Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Portugal

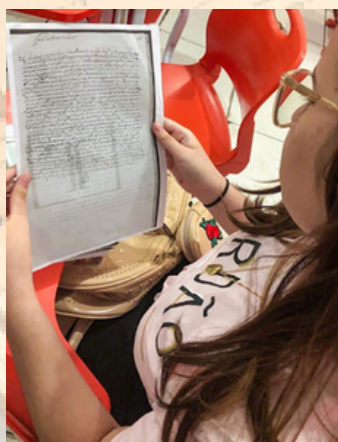


Foto de arquivo pessoal.

O projeto "As margens do Maratauíra" suscitou aos alunos este momento de protagonismo, criando meios para a criação e discussão de algumas problemáticas em relação ao estudo da história da fundação da cidade, Abaetetuba

Confrontando as fontes

Quando iniciaram as pesquisas sobre a história de Abaetetuba, a única coisa que tínhamos eram as histórias locais, conhecida como "Mito Fundador", história oral repassada entre os populares sobre a fundação da cidade, porém sem comprovações científicas. Após meses de estudo das fontes, debates e rodas de conversas, os alunos conseguem expor suas análises sobre a fundação de Abaetetuba:

Mito Fundador:

"Abaetetuba, cidade conhecida pelos famosos brinquedos de miriti, significa, segundo a língua Tupi, "terra de homens fortes e valentes", e foi justamente às margens do rio Maratauíra, ao qual dá nome ao projeto, que foi construída a unidade territorial que conhecemos até hoje. Contudo, apesar do nosso cotidiano ser voltado ao meio urbano, é notório que a história e cultura da região não se restringe, de maneira alguma, a esse centro, uma vez que existe um conjunto de comunidades quilombolas que moram nos arredores da cidade, com suas características, hábitos e especificidades que, muitas vezes, não são reconhecidas, principalmente pela juventude local, de modo que, apesar de fazermos parte do mesmo território, os obstáculos informacionais são presentes e permeiam para uma distância entre indivíduos localizados em uma mesma faixa regional. Nossa região é rodeada de mitos, sendo o mito de sua fundação o mais conhecido e – até pouco tempo – a única "pista" que tínhamos sobre a origem de Abaetetuba.

O mito conta que um homem, chamado Francisco de Azevedo Monteiro, estava navegando por mares próximos da região, quando se iniciou uma grande tempestade. Rezando por sua vida, Francisco jurou que se Nossa Senhora de Conceição o permitisse sobreviver àquela tempestade, ele fundaria uma igreja na primeira faixa de terra que encontrasse. Então, o pedido foi atendido, Francisco Monteiro sobreviveu e a primeira faixa de terra que encontrou foi a nossa região, fundando a igreja jurada que, posteriormente, seria o local de onde se expandiria a cidade. Por mais que a história com tempestades e juramentos nos cause desconfiança pelo modo como retrata os eventos em torno da fundação da cidade, não temos dúvidas sobre a existência de seu principal personagem, Francisco de Azevedo Monteiro. Pois, através de documentações oficiais do Estado Português sobre a colonização na região, localizamos Francisco como solicitante em uma Carta de Sesmaria – passada em 30 de setembro de 1710 –, que, na realidade, não passava de uma regularização na situação de ocupação das terras que ele fazia as margens do rio Jarumã, onde possuía um sítio junto a terras devolutas.

Sabemos hoje que a história sobre tempestades e juramentos não tem comprovação científica, porém, Francisco de Azevedo Monteiro realmente existiu, pois, foi achada uma carta de sesmaria onde seu nome está contido e a faixa de terra que atualmente é nossa cidade, está sendo doada a ele. Logo, é possível concluir, que o mito foi originado após sua chegada na região."

Carta de Sesmaria

"A carta de doação de sesmarias, declara que foram solicitadas terras por Francisco de Azevedo Monteiro, localizadas às proximidades do Rio Jarumã, mais especificamente onde se localiza hoje a Vila de Beja, anteriormente habitada por tribos indígenas. Porém ao que tudo indica, Francisco não se delimitou apenas ao local solicitado e, segundo indícios, teria se utilizado do Rio Jarumã para chegar às terras da atual cidade de Abaetetuba. Contudo, não podemos afirmar, em absoluto, que Francisco de Azevedo Monteiro tenha sido o primeiro a explorar essas terras."

Texto escrito pelos alunos do projeto após as análises do documento.

Ampliando Saberes

Rodas de Conversa

Para um melhor aproveitamento dos saberes docentes e discentes, foi oferecido aos alunos do projeto, rodas de conversas com professores, memorialistas e lideranças quilombolas para que através da vivência e troca de saberes eles pudessem ampliar seus estudos sobre a história do município e o principal: perceber que eles também fazem parte desta história.



Fonte: Acervo pessoal, 2019

Roda de conversa com o Professor da Universidade Federal do Pará, Jorge Machado, grande estudioso dos períodos históricos da cidade. O encontro teve como objetivo a partilha de conhecimento com os integrantes do projeto, possibilitando maior conhecimento do contexto histórico presente em Abaetetuba nos séculos XVIII e XIX.

O projeto recebeu Luan Fonseca, que trabalha nas comunidades quilombolas da região abaetetubense, explanando acerca da realidade das comunidades, consideradas de extrema importância no contexto cultural e social da cidade, no intuito do aprofundamento da concepção negra dentro do processo de formação do município.



Fonte: Acervo pessoal, 2019



Fonte: Acervo pessoal, 2019

Roda de Conversa: Experiências Quilombolas

A senhora Josiane da Costa Baia, membro da "Comunidade Quilombola Nossa Senhora do Pau Podre", participou da roda de conversa com alunos do Ensino Fundamental e Ensino Médio, mostrando a realidade da comunidade Nossa Senhora do Pau Podre, como atividades, educação, religiosidade e também as origens do nome da comunidade que gerou muita curiosidade na comunidade escolar. Demonstrando, então, a vivência, a unidade e a resistência da sociedade e cultura dos membros da comunidade quilombola.

Ampliando Saberes

Gravação em vídeo

A primeira atividade realizada fora da escola foi a gravação de um vídeo que ocorreu em junho e julho de 2019 em alguns pontos importantes da história da cidade, como a praça de Nossa Senhora da Conceição e praça Francisco de Azevedo Monteiro (mais conhecida pelos populares como praça da Bandeira), além do distrito Abaetetubense da Vila de Beja. O objetivo inicial do vídeo foi, através do protagonismo discente, apresentar aos alunos as várias faces que a história pode ter, pois os mesmos conseguiram mostrar que a história de Abaetetuba tem algumas versões, a popular do mito fundador da cidade que foi Francisco de Azevedo Monteiro e a face científica apresentada através de documentos e vestígios. Assim então embasar e difundir o conteúdo histórico "real" do início do município de Abaetetuba, que ocorreu a partir da Vila de Beja, ao entendimento da história popular que vem repassada oralmente entre os populares.



Gravação da Praça Matriz Nossa Senhora da Conceição. Fonte: Acervo pessoal.



Gravação da Praça Francisco de Azevedo Monteiro (Praça da Bandeira). Fonte: Acervo pessoal.



Gravação na Vila de Beja (Distrito de Abaetetuba) Fonte: Acervo pessoal.



Gravação na Vila de Beja (Distrito de Abaetetuba) Fonte: Acervo pessoal.

Vídeo completo através do link abaixo

Clique no ícone para ser direcionado para o vídeo



Frutos do projeto

Exposição

Após as gravações e edição do vídeo, o projeto proporcionou aos alunos, apresentar suas indagações e problemáticas a toda comunidade escolar. No mês de agosto, em vista da comemoração do aniversário da cidade, houve uma exposição dentro das dependências do Colégio Engels dos primeiros dados reunidos até o presente momento acerca do início da formação do território abaetetubense, às turmas do Ensino Fundamental e Ensino Médio. A atividade contou com a exposição de cartazes, um bate papo sobre a história do nosso município e a apresentação do vídeo encenado e roteirizado pelos próprios alunos. Na ocasião a exposição foi apresentada também a toda a comunidade abaetetubense com a cobertura de uma emissora de tv da cidade, conversando com alunos e professores sobre o projeto e seus frutos.



Bate papo sobre a história da cidade. Acervo pessoal.



Alunos visitando a exposição. Acervo pessoal.



Apresentação dos alunos na escola. Acervo pessoal.



Aluno em entrevista sobre a exposição e pesquisas do projeto. Acervo pessoal.

Cada atividade exercida, com sua metodologia, colaborou, de forma precisa, para a construção de uma nova visão acerca do município, de sua cultura e sociedade; além de "reconstruir" o passado e o cotidiano, partindo da realidade abaetetubense vivenciada ao longo dos séculos. Desta forma o projeto escolar "As margens do Maratauíra" se desenvolveu na mesma linha de pensamento de SILVA (2019) quando diz que o ensino deve ser reinventado em cada aula com uma grande interação entre o educador, o aluno e a escola, pois o conhecimento histórico escolar se constrói de singularidades e significações. O ensino precisa fazer sentido para os alunos, uma formação para a prática, para a vida.

Referências Bibliográficas

- ARENZ, Karl Heinz. Filhos e filhas do beiradão: a formação sócio-histórica dos ribeirinhos da Amazônia. Santarém: Faculdades Integradas do Tapajós – FIT, 2000.
- BERGMANN, Klaus. A história na reflexão didática. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 9, nº 19, set. 89/fev. 90.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Método de Ensino. IN: FERREIRA, Marieta de Moraes e OLIVEIRA, Margarida Maria de. *Dicionário de ensino de História*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.
- _____. *Ensino de história: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2008.
- CAIMI, Flávia Eloisa. Por que os alunos (não) aprendem História? Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História. *Tempo*, vol. 11, núm. 21, junho, 2006, pp. 17–32
- _____. Meu lugar na história: de onde eu vejo o mundo? In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. *História: Ensino Fundamental (Coleção Explorando o Ensino)*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010, p. 59–82
- CAVALCANTI, Erinaldo. História e história local: desafios, limites e possibilidades. *Revista História Hoje*, v.7, n. 13, p. 272–292, 2018.
- CERRI, Luis Fernando. Ensino de história e consciência histórica: implicações didáticas de uma discussão contemporânea. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.
- FERREIRA, Luzivan dos Santos Gonçalves. Gênero de vida ribeirinho na Amazônia: reprodução socioespacial na região das ilhas de Abaetetuba-PA. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em geografia (PPGEO) da Universidade Federal do Pará. Belém. Pará, 2013.
- MACÊDO. Sidiana da Consolação Ferreira. Sítios e Engenhos em Abaeté: Um estudo de Cultura Material (1840-1870). Monografia apresentada ao Colegiado de Graduação do Curso de História da Universidade Federal do Pará. Belém. Pará. 2006.
- MERCADO, Ruth. Los saberes docentes en el trabajo cotidiano de los maestros. *Infancia y Aprendizaje*, 1991, 55, 59–72.
- MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 23, p. 156–168, mai./ago. 2003.
- MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa. A história ensinada: algumas configurações do saber escolar. *História & Ensino*, Londrina, v. 9, 11, p. 9–35, out. 2003. Disponível em: <www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/viewFile/12075>
- NIKITIUK, Sonia M. Leite. Ensino de História: algumas reflexões sobre a apropriação do saber. In: *Repensando o ensino de História*. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- PLÁ, Sebastián. La enseñanza de la historia como objeto de investigación. *Secuencia* (online). 2012, n.84.
- RÜSEN, Jörn. Didática – Funções do saber histórico. In: *História Viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2007.
- _____. *Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001, p. 57.
- _____. *Didática – funções do saber histórico*. In: *História viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2007.
- SAMUEL, Raphael. História Local e História Oral. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.9 n.19, pp.219–243, set.89/fev.90.
- SILVA, Cristiane Bereta da. Conhecimento Histórico Escolar. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, OLIVEIRA, Maria Dias de. *Dicionário de ensino de história*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.
- SILVA, Jorge Gregório da. Currículo e diversidade: a outra face do disfarce. *Revista Trabalho Necessário*, Niterói, v. 7, n. 9, p. 1–17, 2009.
- SIMAN, Lana Maria de Castro. Aprender a pensar historicamente: entre cognição e sensibilidades. In: ROCHA, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo; GONTIJO, Rebeca (Orgs.). *O ensino de História em questão: cultura histórica, usos do passado*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2015, p. 201–221.
- TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. 11ª ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- TOLEDO, Maria Aparecida Leopoldino Tursi. História local, historiografia e ensino: sobre as relações entre teoria e metodologia no ensino de história. *Antíteses*, vol. 3, n.6, jul.–dez. De 2020, p. 743–758.
- TORRES NETO, Dilermando Pereira. Cidade, História e Memória: Educação Patrimonial em São Bento do Una-PE. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTÓRIA). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2018, 142f.
- ZARBATO, Jaqueline Matins. Memória e ensino de história: as interfaces entre a formação e o saber de professoras. *Revista Tempo & Argumento*, Florianópolis, v. 5, n.9, 2013.
- ZAVALA, Ana. Pensar 'teoricamente' la práctica de la enseñanza de la Historia. *Revista História Hoje*. V. 4, nº 8, 2015.
- REIS, Luiz. Abaetetuba. Belém, Gráfica Falangola, 1969; LOBATO, Maria de Nazaré. *Ecoss da terra*. Belém: Gráfica Santo Antônio, 1993; MACHADO, Jorge. *Terras de Abaetetuba*. Belém: CEJUP, 1986. (Apud Macêdo, 2006)